

**PERCURSO SINCRÔNICO E DIACRÔNICO
DA LÍNGUA ITALIANA**

Maria Franca Zucarello (UERJ)
mfranzucarello@superig.com.br

A língua italiana nasceu da lenta e progressiva transformação do latim, que perdurou do século III até o século XII.

Já na época dos romanos falava-se o latim em toda a Itália, assim como nos países então pertencentes ao império romano, mas era aquela uma língua multiforme, pois junto ao latim das pessoas cultas, que sabiam ler e escrever, existia o latim do povo, raramente escrito e falado por pessoas humildes, cujos termos e formas, muitas vezes, eram as do falar e escrever das pessoas cultas.

A influência do latim na formação da língua italiana é fundamental para a história linguística da Itália. De fato, durante séculos, o patrimônio do latim literário funcionou como um depósito de onde era retirado o léxico para a criação de novas palavras. Deste modo explica-se a grande polimorfia lexical que caracteriza o vocabulário italiano, com palavras advindas do latim (p. ex: *plebe, fuga, vizio etc.*) e outras, que têm a mesma etimologia, mas que sofreram alterações devido a seu uso na língua falada, como *pieve* (l. *plebs-is*), *foga* (l. *fuga*), *vezzo* (l. *vitium*) etc. Estes termos, diferentes do latim, mas com a mesma raiz, são os alótopos.

O constante prestígio e a contínua função de apoio que o latim manteve no decorrer dos séculos pré-unitários impediu que se realizasse plenamente na Itália aquela seleção natural típica do desenvolvimento de uma língua falada, como aconteceu primeiro com a língua francesa e logo a seguir com o espanhol e o português.

Se considerarmos também que a língua italiana foi falada durante séculos somente em círculos restritos – mesmo assim em ocasiões solenes (substituída, no âmbito familiar, pelos dialetos), e que as suas estruturas moldaram-se essencialmente na língua literária dos três grandes do séc. XI Dante, Petrarca e Boccaccio – compreenderemos sua característica estaticidade, ainda mais em relação ao desenvolvimento, ocorrido na mesma época, de outras línguas e diale-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tos europeus. Por outro lado tal estaticidade nos permite que, ainda hoje, leiamos, com certa facilidade, os grandes escritores italianos do séc. XIV, coisa que não acontece ao lermos textos em francês ou inglês.

Nos séculos XVI e XVII os espanhóis governaram a Itália em muitas regiões, tais como Lombardia, Sicília etc. e trouxeram para a língua italiana um vasto vocabulário, como *brindisi, regola, vigliacco* etc.

No século XVII a língua francesa, devido ao prestígio que sua cultura tinha em toda Europa, influenciou todas as línguas europeias, tornando-se uma espécie de língua internacional. Da língua francesa vieram, para a italiana, palavras como *parrucca, omaggio, ragù* etc.

Os dialetos, diretamente e ininterruptamente coligados aos diversos vulgares falados nas várias regiões italianas, foram relegados por séculos ao uso familiar e aos gêneros literários de menor importância, enquanto, paralelamente, a poesia e a prosa literária, permaneciam ancoradas não somente ao italiano da tradição que se havia formado com Dante, Petrarca e Boccaccio, mas também aos temas clássicos da literatura. Isso, durante muito tempo, manteve na língua italiana uma fundamental carência lexical, e tal carência se percebe mais no momento em que a língua italiana começa a ser usada, não somente no lugar dos dialetos e do latim, mas quando serve para tratar assuntos acometidos, até então somente em dialeto (as profissões, os utensílios e as atividades da casa, os animais e as plantas), ou em latim (os tratados de flora e de fauna). Daí uma ulterior tendência à polimorfia lexical, que levará, no italiano de hoje, a ter, por exemplo, uma série de termos regionais e um termo mais específico, geralmente de origem grega ou latina, para indicar nomes de plantas ou de animais.

Este fenômeno, que começará a ser mais evidente depois da unificação italiana, será favorecido pelo fato que, a dissolução dos dialetos, a sua adequação ao italiano, sobretudo fonológica, tornou cada vez mais fácil transferir palavras e construções de origem dialetal para a língua comum. No momento da unificação política da Itália (1861) cerca de 80% da população italiana era impossibilitado de manter contato com o uso escrito da língua italiana, e a percentagem dos “italofoni” estava em cerca de 2,5%. Todavia a tradição linguística, apesar de tão atormentada, era tal que permitiu a construção um

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

terreno fértil em que as novas condições sociopolíticas pudessem dar a partida para uma real e rápida unificação linguística.

1. *Língua italiana e dialetos*

Se tivéssemos que representar a Itália num mapa das línguas hoje faladas no mundo, este apareceria todo de uma só cor e poderíamos pensar que os habitantes da Itália falem a mesma língua. Sabemos muito bem, porém, que não é esta a realidade, pois uma mesma língua muda não somente quando é usada em países diferentes – como é o caso do inglês da Inglaterra e dos Estados Unidos, do português de Portugal e do Brasil –, mas, também, dentro do mesmo país, como acontece com a língua italiana.

A língua italiana de hoje, que parece ser igual em todas as regiões, é, na realidade, multiforme, uma vez que se realiza concretamente em tantas línguas italianas sempre pouco ou muito diferentes entre si, devido às diferentes formas de se usar a mesma língua que dependem dos elementos da situação comunicativa em que esta é usada. Uma mesma pessoa, por exemplo, se expressa de diversas maneiras, dependendo de seu ouvinte, da finalidade de seu discurso e do contexto, além de sua competência linguística. Na mesma situação e com o mesmo interlocutor há quem fale de forma elaborada e complexa e há quem se expresse de forma mais simples ou até grosseiramente. Existem, ainda, para a mesma língua, outras diversidades que dependem dos lugares onde é falada.

Todos estes casos mostram diferenças presentes, que ocorrem contemporaneamente, dentro de cada uma delas, em cada época de sua história, chamadas diferenças *sincrônicas*.

E, ainda dentro da mesma língua, podemos encontrar outras diferenças, representadas pelas diversas formas que esta assume no decorrer dos tempos: um italiano de hoje fala um língua muito diferente daquela de um italiano que viveu no séc. XVI. Então, conhecer uma língua significa também perceber suas modificações através dos tempos, as chamadas diferenças *diacrônicas*.

No caso da língua italiana, o fator de variação no espaço é o mais frequente elemento de diferenciação linguística, não somente

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

por motivos históricos, mas também pela situação linguística contemporânea que é, sem dúvida alguma, o prosseguimento da diferenciação linguística do país. Qualquer pessoa que percorra, mesmo em viagem de turismo, as grandes rodovias que ligam o norte ao sul da Itália e às ilhas, notará a rápida diversificação da pronúncia, assim como o leitor atento perceberá certas discordâncias lexicais entre os escritos de autores italianos de vária proveniência geográfica. É justamente a procedência, ou a história pessoal dos falantes que influencia, antes de qualquer outro fator de variação, a produção linguística, especialmente da língua oral dos pertencentes à comunidade linguística italiana.

É no século atual que o progressivo desaparecimento dos dialetos e a difusão da “italianofilia” ocasionarão outras variações geográficas, hoje vitais, especialmente na língua falada: os chamados “italiani regionali”. Falarmos, nesse contexto “diatópico”, de italiano standard pode parecer pouco pertinente, pois não podemos dizer que este seja regionalmente conotado, nem mesmo em referência à Toscana, já considerada o berço da “boa língua”. Todavia, nossas observações, referentes às diversas variedades, terão sempre como referência exatamente o italiano standard, um modelo utilizado pelos nativos mais raramente de quanto pensamos, especialmente na língua oral, e que, apesar disso, continua a representar um irrecusável ponto de referimento para muitos docentes e para muitos estudantes de italiano, sejam eles de L1 sejam de L2.

Falando de variantes geográficas não podemos esquecer as “línguas”, diferentes da italiana propriamente dita que são faladas dentro dos próprios confins políticos da Itália (as chamadas línguas das minorias etnolinguísticas), entre as quais deverão ser levadas em conta as diferenças de “status” entre as comunidades linguísticas de mais antiga e de mais recente imigração. De fato, hoje em dia, a Itália não é mais um país de emigração quanto de imigração, principalmente de habitantes de países do Terceiro Mundo. Este novo “multilinguismo” e “multiculturalismo” nasce da presença, especialmente nas grandes cidades, de vários grupos etnolinguísticos de formação recente, dos quais não é fácil prever as perspectivas de integração no tecido social e cultural italiano.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Não podemos também não falar das variedades de italiano (e dos dialetos italianos) falado ainda hoje no exterior: em primeiro lugar junto às comunidades de emigrantes (de primeira, segunda e terceira gerações), pois, a Itália foi caracterizada, no passado, por uma maciça emigração, principalmente em direção aos países americanos, da Austrália e da Europa do Norte. Mas a língua italiana se fala também no exterior: em alguns países como língua oficial (é o caso da Suíça), em outros casos como marcas de um recente passado colonial (na Somália), ou de um passado marinho mais distante no tempo (Malta). Enfim, como língua de cultura, a língua italiana é presente em todos os lugares onde existem estruturas escolásticas que permitem o estudo das principais línguas modernas.

Em alguns dos casos aqui citados a proximidade com o modelo de língua standard contemporâneo é bastante forte (como acontece com a língua italiana falada na Suíça ou por estudantes de italiano de L2, junto às Instituições Estrangeiras), em outros casos, ao invés, encontram-se vários tipos de interferências entre o italiano standard, italiano popular, dialetos originários e línguas locais ou limítrofes (como é o caso do italiano dos emigrantes).

2. Dialetos

O termo dialeto pode ser usado com diversas acepções:

- variedade falada da língua nacional, isto é, simples variedade do código: neste sentido é usado na literatura linguística internacional (os dialetos anglo-americanos, dialetos alemães etc.);
- código diferente da língua nacional, que, apesar de estar relacionado com esta, não é uma sua filiação ou degeneração (assim se entende geralmente o termo “dialeto” no âmbito da língua italiana);
- instrumento de comunicação linguística de âmbito e uso demograficamente mais restrito da “língua”, definição “neutra” baseada em critérios sociolinguísticos que permite operar, seja quando o dialeto é uma variedade do código língua, seja quando é um código diferente.

O sistema linguístico italiano é geralmente dividido em três grandes áreas dialetais:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- dialetos setentrionais;
- dialetos centro-meridionais
- dialetos toscanos.

Esta subdivisão, indicada por vários glotólogos, como Tagliavini, Salvioni, Merlo, Bertoni, corresponde à separação geográfica entre norte e sul, marcada pelos montes dos Appennini, e ao isolamento secular da Toscana (fechada entre os Appennini, o litoral toscano e as zonas maláricas do rio Tevere).

3. Italoфонia x dialetos

A expansão da italoфонia, entendida inicialmente mais como potencialidade do uso que como uso efetivo, realizava-se, às custas dos dialetos, devido à progressiva adoção de variedades regionais da língua italiana, até que se passou a ter, no período entre as duas guerras mundiais, uma situação em que o italiano e o dialeto não estavam em oposição entre si, mas constituíam códigos alternativos para boa parte dos italianos.

A difusão da língua italiana realizou-se por vários motivos, em grande parte de natureza sócio-econômica, como:

– A maciça emigração para o exterior de contingente de “dialetto-fofi” analfabetos ou semianalfabetos, que, se por um lado provocara a diminuição da percentagem de analfabetos que permaneceram na Itália e, conseqüentemente, uma atenuação da tarefa da escola na tarefa de alfabetizar os que haviam ficado, trouxera, porém, melhorias econômicas para os que permaneceram na pátria. E contribuiu para que os emigrados, ao retornarem ao país de origem, pudessem descobrir a importância da instrução. Escassos são, ao invés, os exotismos lexicais trazidos pelos emigrantes ao voltarem à Itália, e quando aconteceram ficaram somente no âmbito dos dialetos.

– O exército foi, especialmente durante o período pós-bélico e o das duas guerras, um importante fator de italianização, principalmente durante a segunda Guerra, porque, pela primeira vez, devido ao encontro de soldados de diversas regiões italianas falantes de dialetos diferentes uns dos outros, ocorreu um nível linguístico popular e unitário, rico de regionalismos porém não regional: os cantos, os diários, as cartas dos soldados desta guerra nos oferecem a documentação escrita deste primeiro italiano popular unitário.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

– A industrialização, com o conseqüente fenômeno do urbanismo e da fuga dos campos, trouxera, para uma grande faixa da população, aumento da renda, abrindo-lhe novos horizontes de vida e levando-a, então, para fazer frente às novas necessidades comunicativas (consumismo promovido pela publicidade, uso do tempo livre etc.), cada vez mais, a se comunicar em italiano.

– As migrações internas, particularmente as das regiões oprimidas do sul, em direção aos maiores centros do norte, devido à necessidade de encontrar uma língua que os conduzisse ao modelo italiano, causaram uma progressiva aproximação. Aqueles imigrantes, ao se integrarem à sociedade que os hospedava, tendiam a abandonar seus dialetos nativos, usando-os em família ou junto de pequenos grupos de conterrâneos, passando à italoфония e a certo conhecimento dos dialetos falados pelas comunidades que os hospedava; e estas, para responder à demanda dos hóspedes passavam progressivamente a se expressarem em italiano, causando o enfraquecimento de seus dialetos. Além disso, para os emigrantes o uso da língua italiana era muito importante para lhes garantir a ascensão social.

– A escola e a instrução obrigatória foram o maior veículo de italianização, levando ao enfraquecimento dos dialetos e ao desenvolvimento das variedades regionais.

– A burocracia representa hoje um dos poucos setores da língua capaz de contrastar eficazmente a introdução indiscriminada de estrangeirismos, mediante a substituição de termos burocráticos italianos aos termos estrangeiros, como, por exemplo, *tempo definito* por *part time* e muitos outros.

– A imprensa – juntamente ao aumento do tempo livre, do aumento da renda e da instrução – contribuiu muito à difusão da língua italiana, à introdução de exotismo e neologismo, à imposição de um estilo mais rápido e menos áulico também na produção escrita.

– O cinema, o rádio e a televisão aceleraram, no pós-guerra, o processo de uniformização linguística e de rápida circulação das inovações lexicais e estilísticas que havia iniciado com a difusão da estampa. De fato foi principalmente depois da segunda guerra mundial que a situação linguística italiana mudou radicalmente, graças ao cinema e, a partir de 1954, à televisão. Os filmes neorealistas, com sua ênfase para os dialetos, tornaram claro o caráter regional dos dialetos em oposição à língua nacional. A televisão e o rádio, com sua difusão muito mais capilar e contínua do que a do cinema, superavam os obstáculos do analfabetismo e difundiram alguns modelos de língua standard (ou pelo menos de italiano regional) também nas mais distantes áreas “dialettofane”. É assim que de um monolingüismo dialetal se passou, também nas zonas socialmente mais apartadas, a um difundido bilingüismo social, com uma competência linguística passível de italiano.

4. Dialeto x italoфонia

Uma revalorização dos dialetos no sentido moderno (considerados como línguas com a mesma “dignidade semiológica” e com a mesma complexidade da língua nacional, apesar de terem um raio geográfico mais limitado desta) ocorreu durante o Romantismo, especialmente com Manzoni. Ele apoiava o dialeto florentino não somente por motivos literários e seu propósito era reformular a língua como instituição social, mirando a difundir o florentino culto como modelo de língua falada por todos os italianos.

Na literatura, os Românticos mostraram um notável interesse pelos dialetos vistos como meios mais aptos à expressão dos sentimentos em relação à língua literária, muito áulica, não natural, longínqua das exigências da sociedade (basta pensar na poesia dialetal de Porta, Giusti e Belli), e deram partida à tendência (ainda em ato) de aproximar a língua escrita da falada (os “*Promessi Sposi*” são um dos máximos exemplos desta tendência). Mas qual era a língua por eles usada? Os escritores toscanos haviam atingido o seu falar, os não toscanos recorreram ou toscano culto (como Manzoni), ou ao italiano regional (como Ippolito Nievo).

Mais recentemente, partindo dos estudos sociolinguísticos de final dos anos 60, muitos começaram a ter consciência que as formas de cultura e de língua regional estariam em regresso, como consequência do urbanismo, da mobilidade geográfica e social, da maior escolaridade, da exposição à mídia. Esta tomada de posição se resolve, em muitos casos, na defesa das culturas em que se identificam, sem considerar a irreversibilidade de certas dinâmicas econômicas e sociais que causaram a sua dissolução.

Outra revalorização dos dialetos, ainda mais exasperada do que a ocorrida no Romantismo, registrou-se a partir do final dos anos 80 com o uso “político” que deste fizeram os partidos autonomistas, as chamadas “Leghe”: basta pensar que até mesmo o nome de um destes grupos (Lega Veneta) é em dialeto.

Outro fenômeno recente é o uso dos dialetos por parte de grupos de elite como indicadores de classe e como discriminantes em relação aos não usuários daqueles dialetos, tanto a deixar pressupor um bilinguismo língua-dialeto em que os dialetos seriam formas de

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

prestígio. Esta inversão das relações língua-dialeto, além das claras conotações políticas que vem assumindo, parece apoiar-se em bases linguisticamente pouco sólidas, pois se recusa a língua italiana em prol do dialeto, e depois se assume, por exemplo, um dialeto genericamente “veneto” em prejuízo das maneiras de falares locais (de Veneza, Vicenza Padova etc.).

5. A Itália linguística de hoje

Na Itália atual o panorama linguístico e as recíprocas ligações entre língua e dialetos mudaram bastante em relação à situação da metade do século passado, mas não por isso são agora mais simples: continua a grande fragmentação dialetal que desde sempre caracteriza a história da formação da língua italiana, com uma série de sistemas linguísticos geograficamente identificáveis, autônomos em relação à língua nacional, frequentemente distantes da língua italiana e distantes entre eles.

Atualmente se está instaurando uma base linguística comum constituída pelos “italiani regionali”, mais do que havia sido a língua literária, que durante séculos teve esta função: são estas a diversidade da língua italiana, conotadas geograficamente e em parte também socialmente, que representam hoje os verdadeiros “dialetos” do código língua italiana.

A prepotente difusão da língua italiana é um fenômeno em ato que não parece destinado a parar, ficando imutáveis as atuais condições sociais, políticas e econômicas que ocasionam: grande difusão das mídias, frequentes contatos e deslocamentos de pessoas, condições de vida medianamente elevadas. Resta o fato que esta língua italiana nacional em difusão não é tanto a língua italiana literária de base escrita, quanto uma língua italiana “do uso médio”, ou “neostandard”, colorida principalmente na pronúncia (e em parte no léxico) por peculiaridades regionais.

De uma situação de difusa dialetofonia, assim como existia no momento da unificação da Itália, com uma língua italiana e dialetos como códigos contrapostos, passamos a uma fase de bilinguismo, com língua italiana e dialetos como códigos alternativos, e estamos vivendo hoje uma mais avançada fase de “diglossia”, em que a maio-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

ria da população é representada por “italofoni”, com uma competência passiva de um dialeto sentido na consciência dos falantes como hierarquicamente subordinado à língua nacional e usado em contextos sócio-funcionais diversos.

Estas observações são baseadas em pesquisas feitas a respeito da situação linguística italiana e do uso dos dialetos. Destas pesquisas resultou que:

- os italianos declaram usar sempre menos os dialetos, seja em família seja fora desta;
- a rejeição dos dialetos se impõe com um maior crescimento entre os jovens;
- os “italofoni” totais aumentaram em maior número nos centros de médias dimensões, em relação aos médio-pequenos (onde ainda estão ancorados à dialetofonia) e às grandes cidades;
- 1/5 do total dos italianos declara usar tanto a língua italiana quanto os dialetos com os parentes e amigos, pelo que se percebe uma situação de bilinguismo mais ou menos diglótico;
- a língua italiana é usada sempre mais em todas as situações do cotidiano, mas isto não quer dizer que os dialetos se encaminhem para uma rápida extinção.

Finalizamos dizendo que ainda hoje é difícil estabelecer qual é a verdadeira língua italiana: trata-se, sem dúvida, de uma questão de extrema importância, que não pode ter uma resposta teórica, mas somente prática, pois é o uso e a história que determinam qual é a língua italiana em seu presente e principalmente em seu devir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV, *Italiano di oggi, lingua nazionale e varietà regionali*. Trieste: LINT, 1977.

AAVV, *L'italiano come lingua seconda in Italia e all'estero*. Roma: Presidenza del Consiglio dei Ministri, 1982.

BALDELLI, I. (a cura di). *La lingua italiana nel mondo*. Indagine sulle motivazioni allo studio dell'italiano. Roma: Istituto Enciclopedia Italiana, 1987.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- BRUNI, F. *L'italiano*. Elementi di storia della lingua e della cultura. Torino: UTET, 1984 (cap. "Profilo dell'Italia dialettale").
- CANEPARI, L. *Italiano standard e pronunce regionali*. Padova: CLEUP, 1980.
- COVERI, L. Chi parla dialetto, a chi e quando, in Italia? Un'inchiesta Doxa. In: *La ricerca dialettale*, II, 1978.
- DE MAURO, T. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Bari: Laterza, 1982.
- DEVOTO, G. *Il linguaggio d'Italia*. Milano, Rizzoli, 1974
- DEVOTO, G.; GIACOMELLI, G. *I dialetti delle regioni d'Italia*. Firenze: Sansoni, 1972.
- DURANTE, M. *Dal latino all'italiano moderno*. Bologna: Zanichelli, 1981.
- LO CASCIO V. (a cura di), *L'italiano in America Latina*. Firenze: Le Monnier, 1987.
- PELLEGRINI, G. B. *Carta dei dialetti d'Italia*. Pisa: Pacini, 1977.
- ROHLFS, G. *Studi e ricerche su lingua e dialetti d'Italia*. Firenze: Sansoni, 1972.
- SABATINI, F. *La comunicazione e gli usi della lingua*. Pratica, analisi e storia della lingua italiana. Torino: Loescher, 1984.
- SALVI, S. *Le lingue tagliate*. Storia delle minoranze linguistiche in Italia. Milano: Rizzoli, 1975.
- SIMONE, R. *Fondamenti di linguistica*. Roma-Bari: Laterza, 1990.
- TAGLIAVINI, C. *Le origini delle lingue neolatine*. Introduzione alla filologia romanza. Bologna: Patron, 1982.
- VEDOVELLI, M. Testi e testimonianze di lavoratori stranieri in Italia. In: *Italia linguistica: idee, storia, problemi*. Albano Leoni F. et Al., Bologna: Il Mulino, 1983, p. 353-364.
- VIGNUZZI, U. Chi parla ancora in dialetto? In: *Italiano e Oltre*, 1988.